

A ESCOLA NA VISÃO DAS CRIANÇAS

SILVEIRA, Débora de Barros - UEMS/UFSCar

GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos / n. 07

Agencia de Financiadora: CNPq

Este trabalho é parte da minha tese de doutorado que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos e tem como objetivo compreender a escola de educação infantil pela ótica das crianças de cinco anos de idade que a freqüentam.

Fazer pesquisas com crianças pequenas, pesquisar a infância e suas particularidades é um grande desafio, pois segundo Farias (2002) a idade da criança tem de nos desafiar a encontrarmos procedimentos adequados para as especificidades dessa faixa etária e para avançarmos em pesquisas que vejam as crianças como capazes, produtoras de culturas, de histórias, de sentidos. Grande parte das pesquisas vê as crianças do ponto de vista do adulto, por isso, suas falas e idéias muitas vezes não são consideradas.

Para estudar a escola de educação infantil na visão das crianças, o caminho encontrado foi realizar um estudo de caso, de natureza qualitativa, tendo como fonte de dados as observações, com registro em diários de campo, as entrevistas, uso de filmagem em vídeo, e a produção de imagens fotográficas feitas por elas. A coleta de dados ocorreu em uma escola municipal de educação infantil em um bairro periférico da cidade de São Carlos – SP, tendo como foco principal crianças de cinco anos de idade que compunham uma das turmas no período matutino.

Ao tomar como tema a escola de educação infantil na visão das crianças, utilizaremos nesse texto, os dados obtidos pelo uso de dois instrumentos: as entrevistas com as crianças¹ e a produção de imagens fotográficas realizadas por algumas delas.

Geralmente, as crianças não têm uma fala considerada como legítima na ordem discursiva. As idéias que elas expressam são quase sempre ignoradas e desqualificadas pelos adultos, como se estas falas fossem algo menores, infantis, e destituídas de razão.

¹ Entrevistamos as vinte e seis crianças da turma, mas para compor o banco de dados da tese elegemos apenas oito entrevistas.

Nossa suposição é diferente. Optamos por ouvir as crianças por acreditarmos que elas devam falar por si próprias na tentativa de produzir outros efeitos, e, quem sabe assim, contribuirmos para mudanças de paradigmas sobre o que é ser criança a partir da maneira pela qual elas percebem a instituição que freqüentam.

Fizemos as entrevistas na tentativa de, ao invés de falar da criança, sobre ela, ou por elas, falar com elas. Sabemos que suas falas são tão limitadas e polissêmicas quanto as dos adultos. As crianças não são as detentoras de verdades absolutas ou dotadas de um conhecimento puro, inovador e irrepreensível². Não se trata de tomar as suas falas como verdades ou mentiras, ou mesmo enaltecer um suposto saber infantil, mas sim entendê-las enquanto enunciados que supõem singularidades.

Para analisarmos os dados coletados por meio das entrevistas, procuramos usar a metodologia da análise do discurso, baseada num referencial foucaultiano. Nessa perspectiva, a análise do discurso não é feita do ponto de vista de um conjunto de fatos lingüísticos ligados entre si pela sintaxe, que necessitam ser desvelados e interpretados, pois a interpretação não descobre a verdade, mas a produz³. Pretende-se tecer as linhas que configuram a multiplicidade de maneiras de viver e de atribuir sentidos ao mundo.

Os dados provenientes das entrevistas foram importantes para compor uma cartografia sobre os sentidos que as crianças atribuem à escola e às atividades que desenvolvem nesse ambiente, mas mostraram também que as crianças têm um jeito de falar que as diferenciam da fala de outras pessoas, em outras idades, uma maneira singular de falar. Elas não falam linearmente, é uma fala descontínua, mudam de assunto com muita facilidade, dão novas respostas em continuidade a um tema que foi tratado anteriormente, começam falando sobre um determinado assunto e dão continuidade inventando alguma história etc. Em outras ocasiões, elas falam de algo que associam livremente, dando respostas completamente diferentes a pergunta feita. Alguns exemplos disso foram à resposta de Ana⁴, quando perguntei o que ela acha que é bonito na escola e ela fala: – *A tia está cheirosa hoje*, associando algo bonito a cheiroso e a resposta de Pedro a pergunta sobre o por que as crianças brincam, quando ele diz: – *É que tem algumas crianças que falam francês*.

² Segundo Foucault (2002) o conhecimento tem uma história e a própria verdade é uma invenção, uma ficção ou uma criação, na qual todos estamos incluídos.

³ Concordamos com Foucault quando ele nos mostra que na realidade poucas coisas são ditas, o que ele chama de ‘efeito de raridade’, e a interpretação procura compensar essa raridade fazendo uma ‘multiplicação dos sentidos’. (Tronca, 1987)

⁴ Todos os nomes são fictícios.

Ao propiciarmos às crianças a oportunidade de fotografar, desejávamos descobrir as maneiras pelas quais elas retratam a escola e o que elegem como importante para registrar por meio de imagens.

Saber o que elas fotografam é um dos múltiplos registros possíveis para entender o que as crianças acham da escola, na medida em que metodologicamente compartilhamos das posições que concebem as crianças como sujeitas portadoras de falas propositivas de novos caminhos para a instituição escolar. Cada criança recebeu a câmera fotográfica com a proposta de registrar aquilo que mais gostava na escola e o que não lhe agradava.

Depois de revelar as fotografias, as crianças relataram o porque elegeram cada uma das imagens. Os depoimentos verbais dos fotógrafos são importantes porque as imagens podem ser interpretadas de inúmeras maneiras. Carnicel (2002: 43) salienta que *as imagens não são exatamente o que se vê, o que se pensa que é o real – são tão polissêmicas quanto a palavra.*

As fotografias e as entrevistas revelaram que as crianças gostam da escola. Em suas falas nas entrevistas as crianças dizem que gostam porque é um local no qual brincam com seus colegas, fazem amizades, embora a merenda, a lição e a aprendizagem da escrita também sejam mencionadas:

Eu gosto, eu brinco (pausa), eu brinco, até hoje eu brinquei de carro de fórmula 1, eu brinquei de ser detetive (Pedro)

Para aprender as coisas, .. para aprender a escrever as coisas. (Alex)

Porque eu gosto de brincar com minhas amiguinhas. ... na minha casa eu não tenho ninguém para brincar. Minha irmã não gosta de brincar comigo. ...Ela é mais velha. (Tânia)

Porque é bom, tem comida gostosa ... arroz, feijão e sopa. (Susi)

Porque tem muita criança e dá para brincar no parquinho. (José)

É porque tem muita brincadeira e muita lição para fazer. ... O que eu mais gosto é de brincar. (Paulo)

O brincar e a amizade foram os temas que perpassaram de alguma forma todas as respostas nas mais diversas entrevistas. Esses temas também foram focados com muita frequência tanto na produção, como na entrevista sobre as imagens fotográficas.

Todas as crianças fotografaram alguns de seus amigos – os colegas de turma⁵. Quando questionadas sobre o motivo de fotografarem seus colegas, elas disseram que era porque ‘fulano’ é seu amigo, e geralmente acrescentavam: eu gosto dele ou dela, ele ou ela é ‘legal’.



Meus amigos - Foto de Matheus Henrique

O parque foi o local fotografado por quase todas as crianças⁶. Elas disseram que elegeram essas imagens, porque esse é o local que mais gostam, que ele é o ‘prêmio’ que recebem quando fazem ‘tudo certo’ e esse é o lugar em que podem brincar e se divertir.



O parque - Foto de Bruna Fernanda

⁵ Das 41 fotos produzidas, 18 delas tem como foco principal uma outra criança.

⁶ Das cinco crianças que produziram as imagens fotográficas, quatro fotografaram o parque e outros espaços externos a sala da turma. Do parque, especificamente, foram feitas seis imagens.

Além de fotografarem seus amigos e o parque, as crianças fizeram imagens de objetos, pessoas (bolsas, cadernos etc) e daquilo que lhes agradava visualmente (maquetes, caixas coloridas etc).

Ao descreverem a escola as crianças falam:

A escola é onde a gente estuda e aprende a ser educado, aonde se pode viver, escrever. (Pedro)

A escola é p'rá aprender a ler e a escrever.(...) Ela é para todo mundo brincar e para num brigar. (José)

A escola é um lugar que todo mundo aprende as coisas para fazer no primeiro ano. (Paulo).

As aprendizagens da leitura e da escrita são valorizadas nas falas de todas as crianças⁷, pois elas também participam de uma cultura discursiva na qual a escola serve para ensinar a ler e a escrever. No entanto, elas anunciam que esta não é a única aprendizagem proporcionada pela escola e quando são questionadas sobre o que mais gostam de fazer na instituição, elas dizem:

De brincar, de pintar. (Alex)

Brincar com minhas amiguinhas no parquinho. (Tânia)

Brincar de carrinhos. (José)

Uma das crianças entrevistadas, tece algumas críticas a escola, comentando: ... *é melhor brincar do que ir à escola.* Quando questionada sobre o por que dessa afirmação, citando a rotina da escola e reclamando sobre a falta de brinquedos, ela diz:

Porque na escola tem pouco brinquedo, só tem que fazer lição, tem que ir no pátio, tem pouco brinquedo, tem que ir na merenda, ai vai embora. (Tânia)

Essa fala nos lembra que o processo de escolarização das crianças pequenas ao mesmo tempo em que anuncia o reconhecimento de sua cidadania como sujeito de direitos, pode vir a ser uma maneira de captura, de escolarização precoce no sentido de disciplinarização dos corpos, das palavras, dos gestos etc e desta forma uma rejeição da alteridade das crianças e de suas crianceries⁸ (Abramowicz: 2003).

⁷ Transcrevi apenas algumas dessas falas devido à limitação de páginas que a construção desse artigo exige.

⁸ Termo utilizado pelo psicanalista Katz (1996) para designar o jeito diferente de ser da criança. Ele as considera como potências devindo, potências nômade. Belotti (1987) diz sobre “um devir vagabundo”.

Apesar dos mecanismos de captura e de disciplinarização as crianças mostram, tanto em suas falas como nas fotografias que possuem uma visão positiva da escola que freqüentam. Saber como as crianças vêm a escola, talvez possa nos ajudar na tarefa de pensarmos em melhorias nas instituições ou em uma nova forma de atendimento, organizado para que as crianças pequenas, possam ser mais felizes e atendidas a partir de um processo educativo de qualidade.

A produção de fotografias revelou que as crianças são capazes de manipular com grande desenvoltura uma câmera fotográfica, são capazes de produzir belas imagens e de falar o por que produziram as mesmas. Elas fotografam aquilo que visualizam como criança, com sua estatura de criança, diferente da dos adultos. Suas imagens demonstram outras dimensões e perspectivas dos objetos, dos adultos, das paisagens, dimensões essas que nos revelam alguns indícios da maneira pela qual as crianças vêm o mundo que as cercam.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOWICZ, A. O direito das crianças a educação infantil. In: *Pro-posições*, v. 14, nº 3. Dossiê: Educação Infantil e Gênero. Campinas: UNICAMP, 2003.
- BELOTTI, E. G. *Educar para a submissão: o descondicionamento da mulher*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- CARNICEL, A.. Fotografia e inquietação: Uma leitura da imagem a partir da relação fotógrafo-fotografado. In: *Resgate*. v.11. Campinas: CMU, 2002. p. 41-54.
- FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z.B. F.; PRADO, P. D. (orgs.) *Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2002.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.
- KATZ, C. S. Crianceria: O que é a criança. In: *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de estudos e pesquisas da Subjetividade do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC, São Paulo, Número Especial, p. 90-96, jun. 1996.
- TRONCA, I. A. (org) *Foucault Vivo*. Campinas: Pontes, 1987.

ESQUEMA DO POSTER

TÍTULO

Autoras, Instituições, e-mail.

Introdução

Falas e Fotos das crianças

Algumas Considerações

Bibliografia